

Da reconciliação com a realidade à instrução integral - contribuições filosóficas de Mikhail Bakunin às questões educacionais

From reconciliation with reality to integral education – philosophical contributions from Mikhail Bakunin to educational questions

Luciana Brito¹

Resumo: O presente artigo se propõe a inserir a trajetória do pensador anarquista Mikhail Bakunin nos domínios da discussão filosófica acerca do papel social da educação. A educação foi tema recorrente, ainda que por vezes secundário, nos escritos de Bakunin desde seu período de contato com o hegelianismo de esquerda e a defesa do princípio de reconciliação com a realidade, até seu amadurecimento enquanto militante revolucionário e atuação na Associação Internacional de Trabalhadores, com o desenvolvimento da proposta de instrução integral. Pretendemos a defesa da existência de uma relação de profunda continuidade no pensamento do autor, na qual a filosofia especulativa e o hegelianismo de esquerda são apenas o germe de suas problematizações acerca da realidade social e cultural de sua época. Posteriormente, essas questões são aprofundadas e radicalizadas até o ponto em que, sob a influência das ideias socialistas, Bakunin assume a necessidade da ruptura revolucionária como única via para efetivação dos anseios defendidos desde o período de seus primeiros escritos sobre o papel moral e social da educação na sociedade de sua época.

Palavras-chave: Bakunin. Educação. Reconciliação com a realidade. Instrução integral.

Abstract: This article proposes to insert the trajectory of the anarchist theorist Mikhail Bakunin in the fields of philosophical discussion concerning the social function of the education. Education, although sometimes a secondary theme in his writings, has been recurrent to Bakunin since his period of contact with the Hegelian left-wing and the defense of the principle of reconciliation with reality, until his ripening as a revolutionary and in his actuation at International Workers Association, with the development of the proposal of integral education. Our intention is to defend the existence of a deep continuity in the author's thought, in which speculative philosophy and Hegelianism left-wing are just the germ of his problematizations towards the social and cultural reality of his time. At a later time, this questions are deepened and radicalized to the point when, under the influence of socialist ideas, Bakunin assumes the need of revolutionary rupture as the only way to effectivation of aspirations defended from the period of his early writings on the moral and social role of education in society of his time.

Keywords: Bakunin. Education. Reconciliation with reality. Integral education.

¹ Graduanda em Filosofia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília. E-mail: luciana.brito@outlook.com

Antecedentes históricos e filosóficos

O início da produção filosófica e os círculos

O início do século XIX na Rússia é marcado por um processo de intensa restrição das liberdades políticas e civis durante o reinado do czar Nicolau I. Após o sufocamento do levante dezembrista, em 1825, observa-se uma inflexão na vida política da sociedade russa. O czar dá início a um período de profunda repressão e militarização, com a criação de polícias secretas e censura à produção intelectual.

A Filosofia fora oficialmente banida dos currículos no ano de 1826 e, com o rígido controle sobre o ensino oferecido nas Universidades e sobre os periódicos acadêmicos, a intelectualidade, sob constante ameaça de exílio, passa a se organizar em torno de grupos de leitura e discussão de caráter secreto, os chamados círculos filosóficos (*kruzhki*). Esses círculos eram compostos, majoritariamente, por jovens intelectuais nobres e de classe média que, sob o acompanhamento de mestres, liam publicações europeias e discutiam suas próprias produções filosóficas. Em meio a um período de completa castração das possibilidades de ação política, os círculos se tornam o refúgio da intelectualidade russa - tida pelo czarismo como setor de oposição ao regime -, um campo fértil para o desenvolvimento da atividade reflexiva, vindo a ser posteriormente o centro da vida política e cultural desse segmento da sociedade russa.

Nesse período, a intelectualidade se encontrava imersa em um processo de profunda autorreflexão e reexame crítico dos valores sociais, proporcionando um olhar cuidadoso sobre os costumes, a identidade e o futuro do povo russo. Os pequenos círculos filosóficos de Moscou possuíam caráter muito menos politizado do que as organizações secretas que organizaram o levante dezembrista, privilegiando discussões de ordem especulativa e metafísica.

A juventude das altas castas passa a desenvolver a partir da experiência dos círculos e sob a influência do idealismo alemão, especialmente Schelling e Fichte, um ideário romântico e deveras heroico de que, como intelectuais privilegiados, deveriam cumprir uma missão que estava para além de suas necessidades individuais, instruindo e auxiliando o povo a libertar-se do autoritarismo do regime czarista.

Nesse contexto, o jovem Bakunin abandona sua recém-iniciada carreira militar para dedicar-se à sua crescente paixão pela filosofia idealista alemã, desenvolvendo uma visão bastante existencial, baseada na busca do Absoluto no uno interior,

compreendendo a vida como movimento do homem e da natureza até sua completa união com o divino.

A adesão ao chamado círculo de Stankevich, em 1836, produz um novo despertar intelectual na vida de Bakunin. A noção abstrata de “força de vontade” como guia para a busca da verdade como forma de vida se converte no desenvolvimento de um conceito de “atividade moral” como um primeiro passo rumo à forma concreta de ação. Logo Bakunin se aproxima da filosofia política e social de Fichte, concebida não somente como a resolução de problemas teóricos, mas principalmente de questões práticas, conduzindo-o à conclusão de que a preeminência da atividade sobre o conhecimento implica passar da passividade receptiva à ação espontânea.

O problema da realização do mundo interior o conduz ao estudo de Hegel, coincidindo com a radicalização hegeliana da dialética sujeito-objeto. Através do sistema filosófico hegeliano, Bakunin encontra a possibilidade de pensar os problemas sociopolíticos a partir de uma perspectiva plenamente filosófica, de esboçar uma compreensão científica da realidade sem se reduzir ao cientificismo positivista, ou ainda, a possibilidade de reconciliar-se com a realidade.

O hegelianismo de esquerda e a reconciliação com a realidade

O círculo de Stankevich torna-se o principal difusor do hegelianismo na Rússia, especialmente através do trabalho de Bakunin, traduzindo suas obras do alemão e conduzindo importantes discussões sobre seu método. Sem se limitar a reproduzir o sistema hegeliano e radicalizando-o para além de seu mestre, se insere no grupo de pensadores que recebe a alcunha de Hegelianos de esquerda - que reunia pensadores como Feuerbach, os irmãos Bauer, Ruge, Strauss, Engels e Marx - estudiosos do hegelianismo interessados na elaboração de projetos políticos que aprofundassem as elaborações teóricas de Hegel, transformando-as em orientações para práticas sociais concretas.

Os também chamados Jovens Hegelianos se valiam do método dialético, desestimando o caráter metafísico do sistema de Hegel e empregando-o para a crítica da cultura e da religião. Ao conceber a realidade e a racionalidade como perpétua transformação, converteram o Hegel histórico, deveras conservador, em um verdadeiro

filósofo da revolução. Em suas mãos, a dialética se constitui em um instrumento de guerra contra o conservadorismo, a tradição, as instituições e os poderes estabelecidos.

Durante os anos de 1835 a 1844, os jovens hegelianos produziram uma série de críticas ao caráter idealista e transcendental da filosofia de Hegel. Nesse processo, avançam rapidamente os posicionamentos filosóficos anteriormente assumidos por Bakunin, processo que se conclui com a derrota das revoluções de 1848, início de uma nova etapa em que a luta social e a organização e ação política dos trabalhadores toma o lugar central que até então era ocupado pela filosofia (SILVA, 2009).

O olhar sobre as questões educacionais

A educação como via para superação da alienação

Bakunin torna-se um dos intelectuais mais destacados entre os aderentes ao círculo de Stankevich, impulsionando diversos debates e tornando-se mentor intelectual de alguns de seus companheiros para o aprofundamento no sistema filosófico de Fichte. Nesse período, contribui produzindo diversas traduções de textos alemães para o russo e através destas torna-se o principal introdutor das filosofias de Fichte e Hegel entre a intelectualidade russa.

Sua primeira tradução publicada em um periódico é *Lições sobre a vocação do sábio*, de Fichte, seguida de outros textos periféricos do autor, de caráter mais político, como suas defesas da Revolução Francesa. De Hegel, Bakunin traduz inicialmente um conjunto de conferências proferidas por Hegel no período em que fora reitor do Ginásio de Nuremberg. O elemento que chama atenção para essas traduções é o fato de tratarem-se de textos que versam sobre temáticas filosóficas e educacionais, como discussões sobre o papel social da filosofia e seu ensino e da educação de modo geral.

Esta opção nos revela uma característica fundamental da filosofia de Bakunin naquele período, pois ainda que os textos escolhidos fossem considerados obras de menor valor filosófico, a opção por traduzi-los revela um interesse desde então por assuntos reais e não somente pela vida interior ou pela vontade abstrata do subjetivismo, o que representa a progressão do envolvimento de Bakunin com uma filosofia entendida como algo valioso para o desenvolvimento espiritual da humanidade. Nesse momento de sua vida intelectual, seu interesse pela filosofia já não basta pelo mero exercício do pensar, mas sim pelo papel que julgava ter a filosofia na vida social.

A primeira obra de autoria do próprio Bakunin a vir a público é o *Prefácio* redigido para sua tradução dos discursos de Hegel no Ginásio de Nuremberg, publicado em 1838. Sua publicação causa grandioso impacto no pensamento russo, pois fora o primeiro grande estudo publicado por um russo sobre a filosofia hegeliana, sendo considerado à época o próprio manifesto do hegelianismo russo.

Bakunin inicia no *Prefácio* uma discussão incipientemente sociopolítica no interior de uma análise filosófica sobre o fenômeno da alienação, identificando duas de suas manifestações na sociedade de sua época: a filosofia do entendimento (de ordem epistemológica) e o individualismo (no campo sociocultural), impactando negativamente a juventude, em especial, ao torna-la carente de um sentido de realidade. A alienação é a consequência prática do individualismo exacerbado presente nas filosofias subjetivistas, com as de Kant e Fichte, cujas reflexões estão baseadas em uma epistemologia do entendimento finito, incapaz de abarcar toda a complexidade do real, negligenciando até mesmo a necessidade de compreendê-la. A desmensurada valorização do sujeito como princípio filosófico produz uma filosofia esvaziada de conteúdo, limitada a meras perspectivas particulares.

O século XVIII foi o século da segunda queda do homem no campo do pensamento. Ele perdeu sua contemplação do infinito e, imerso na finita contemplação do mundo finito, ele não encontrou e não poderia encontrar outro suporte para seu pensamento, separado de seu eu, - que é abstrato e ilusório, quando em um estado de inimizade com a realidade (p.428, tradução nossa).

Bakunin criticará esse idealismo subjetivo como a destruição de toda a objetividade e imersão do pensamento filosófico em uma frívola autocontemplação. Para ele, a finitude da filosofia do entendimento implica a liquidação do vínculo essencial entre sujeito e realidade, o que se expressa culturalmente através da ruptura entre indivíduo e contexto social.

E então, o resultado da filosofia do entendimento, o resultado dos sistemas subjetivos de Kant e Fichte, foi a destruição de toda a objetividade de toda a realidade, e a imersão do Eu abstrato e vazio na vã e egoísta autocontemplação, a destruição de todo amor, e consequentemente, de toda a vida (p.429, tradução nossa)

Ao assumir que a alienação filosófica possui um análogo moral/social - sua implicação direta na produção cultural e na construção da subjetividade das novas

gerações – e que, portanto, só pode ser superada a partir de uma perspectiva teórico-prática, surge pela primeira vez no pensamento de Bakunin, com contornos bem definidos, o estabelecimento de uma relação indissociável entre teoria e prática, ou ainda, entre as ideias de uma época e a vida social. Essa compreensão dialética não se reduz a um método de explicitação da lógica de raciocínio, mas principalmente é tomada como instrumento para a crítica do real, permitindo a compreensão as potencialidades do existente e possibilitando tomar a filosofia como um exercício sobre a realidade.

Como contraposição ao cenário criticado, Bakunin lança mão do conceito hegeliano de reconciliação com a realidade, transformado por ele em um chamado para que a filosofia saia da unilateralidade da finitude e atente ao absoluto (que não está dado, mas é produto da atividade histórica), à totalidade. Trata-se de um apelo à transformação da realidade empírica a partir de uma compreensão dinâmica e racional da realidade, superando a separação entre o mundo finito dos fenômenos e as coisas infinitas, estabelecida pela filosofia do entendimento. A reintegração da vida intelectual à vida prática pode se dar por via da escola, a partir do entendimento da educação como prática social capaz de retirar o indivíduo do ambiente familiar (natural, individual) e integrá-lo à vida comunitária (totalidade).

A partir da compreensão de que a filosofia tem um papel diretamente moral e político a cumprir na vida social, através da formação humana, Bakunin define o papel da educação escolar como via para a materialização dos princípios filosóficos. A instituição escolar educa os indivíduos em princípios morais que fornecem critérios racionais para a vida prática, mas a correta interiorização desses princípios e os julgamentos éticos só são possíveis a partir de uma instrução geral que forneça a capacidade de distinguir corretamente as coisas e circunstâncias. A instrução escolar eleva o espírito para além dos instintos e dos sentimentos, saindo do imediatismo para o campo do pensamento. A educação permite produzir um vínculo entre os princípios racionais e a vida prática, portanto pode cumprir papel fundamental no processo de regeneração moral e política de uma sociedade.

E é surpreendente, portanto, que tal educação não forme um forte e real homem russo [...], mas, ao contrário, algo medíocre, sem cor e sem caráter? E uma vez mais, eu repito: essa é a fonte de nossa mazela social, e de nossa ilusão. (p. 436, tradução nossa)

O *Prefácio* elabora uma teoria da educação baseada no vínculo entre teoria e prática, superando a finitude e a impotência do subjetivismo e proporcionando contato com uma dimensão mais fundamental da existência, a própria substância social. A educação é o momento inicial de desenvolvimento das potencialidades humanas, promovendo a integração dos jovens à vida social. A reconciliação através da educação convoca a participação ativa no destino social, assumindo de maneira consciente o papel político da educação como reprodução dos valores e crenças tidos como verdadeiros por uma sociedade.

O amadurecimento da compreensão dialética da sociedade

No início da década de 1840, Bakunin muda-se para Berlim para dar prosseguimento aos seus estudos de Filosofia. Os meses passados na Alemanha marcam o momento mais frutífero de seu desenvolvimento intelectual, impulsionado pelo contato com as ideias socialistas. É profundamente influenciado por esses debates, especialmente pelo socialismo federalista proposto pelo francês Pierre Joseph Proudhon, cuja influência soma para que os pressupostos filosóficos trabalhados por Bakunin sejam desenvolvidos até a conformação de uma teoria materialista de análise do mundo social.

A primeira aplicação prática das categorias desenvolvidas no período das reflexões filosóficas de Bakunin surge no artigo *A Reação na Alemanha*, escrito em 1842 para o periódico *Deutsche Jahrbücher für Wissenschaft und Kunst*, dirigido por Arnold Ruge, publicado sob o pseudônimo de Jules Elysard. Esse artigo demonstra o crescente interesse de Bakunin em ir além da teoria, fazendo com que esta adentre o mundo real.

Como demonstrado anteriormente, o princípio interno de unidade entre teoria e prática se fazia presente na obra intelectual de Bakunin desde o período em que traduzia Hegel e Fichte, o que nos leva a concluir que *A Reação na Alemanha* seja uma radicalização do posicionamento filosófico e político assumido desde a publicação do *Prefácio*. (GIUDICE, 1981)

Escrito como uma análise da conjuntura política alemã, o artigo marca o assumir de um compromisso profundo com a realidade, que passa a ser entendida como uma totalidade concreta cuja característica principal é o antagonismo, ou ainda, os conflitos

que movem toda e qualquer transformação social possível. Bakunin expressa teoricamente essa compreensão através do desenvolvimento da dialética serial de Proudhon, conferindo centralidade à ideia de negatividade, rompendo nesse ponto com a dialética hegeliana cuja primazia é conferida ao elemento positivo.

A própria contradição, enquanto tal, inclui os dois termos exclusivos num e no outro, é total, absoluta, verdadeira; [...] porque ela não é somente o negativo, mas é também o positivo e, englobando-o inteiramente, é a plenitude total, absoluta, não deixando nada fora dela. [...] a contradição só existe unicamente sob a forma da divisão dos seus termos e não é mais que a adição do positivo e do negativo; ora, estes termos excluem-se um ao outro tão categoricamente que esta exclusão recíproca constitui toda a sua natureza. (p.116)

Bakunin elege a negatividade como força criativa responsável pelo movimento de transformação, retirando a dialética do campo da abstração para torná-la instrumento da prática revolucionária ao refutar a conciliação como possibilidade de conclusão dos antagonismos sociais. Analisando as relações entre o partido conservador e o partido democrático, Bakunin demonstra compreender que certos conflitos fundamentais devem ser resolvidos para que a realidade seja digna de aceitação e que no campo da ação as contradições são muito mais agudas, se convertendo em antagonismos que não podem ser superados com a conciliação pacífica de posições, através de uma mútua compreensão teórica.

[...] a contradição não é um equilíbrio, mas uma preponderância do negativo. O negativo é, portanto, o factor dominante da contradição, determina a existência do positivo e encerra só em si a totalidade da contradição [...] Esta auto-decomposição do positivo é a única conciliação possível entre o positivo e o negativo, porque este último é ele mesmo, de maneira imanente e total, o movimento e a energia da contradição. (p. 117-8)

O desenvolvimento dessa dialética antitética demonstra a preocupação em elaborar uma filosofia dotada não apenas de conteúdo lógico, mas também histórico. Com o objetivo de trazer as abstrações dialéticas para a esfera da prática e aplicá-las à análise do mundo e das relações políticas, Bakunin materializa os antagonismos abstratos em instituições históricas e relações sociais concretas, como a Igreja, a família patriarcal e o Estado, cuja compreensão é fruto da relação dialética autoridade/liberdade. Segundo o pesquisador Andrey Cordeiro Ferreira (2013, p. 4):

Podemos dizer que Bakunin faz uma análise dialética que lança mão de um conjunto de oposições dialéticas que ao mesmo tempo englobam e materializam suas categorias, indo do abstrato ao concreto e do lógico ao histórico, da unicidade à multiplicidade, começando pela dialética autoridade-liberdade e se materializando em oposições como natureza/sociedade e reação revolução.

A concepção do materialismo sociológico

Outra influência fundamental para o desenvolvimento da teoria bakuninista foi o contato com a obra de Feuerbach, que se propôs a combater o idealismo predominante na filosofia alemã e teceu importantes críticas à obra de Hegel, especialmente no que concerne à negação das condições materiais que determinam concretamente as ideias e as relações. Em contraposição ao caráter transcendente e idealista da filosofia hegeliana, Feuerbach inaugura uma filosofia materialista, a partir da qual o princípio histórico se estabelece a partir da interação da sociedade humana com o mundo material.

Sob essa influência, o método de Bakunin assume dois princípios norteadores de sua ontologia: o naturalismo e a totalidade (SILVA, 2014). Nesse sistema, o conceito de natureza sintetiza a totalidade dos elementos que constituem a totalidade do mundo concreto, incluindo a ação e reação dos múltiplos elementos que a conformam. A realidade é dinâmica, constituída por um movimento permanente em que as partes e o todo se incidem mutuamente, estabelecendo como pressuposto a multiplicidade de determinações.

Tudo o que é, os seres que constituem o conjunto indefinido do universo, todas as coisas existentes no mundo [...] e toda essa quantidade infinita de ações e de reações particulares, ao combinar-se em um movimento geral e único, produz e constitui o que chamamos vida, solidariedade e causalidade universal, a natureza. (BAKUNIN, 1870, p. 2, tradução nossa)

Esse movimento de transformação, ação e reação permanente se coloca como condição de existência de todos os seres, pois a disputa incessante pela sobrevivência é a premissa da própria vida. Desse modo, a ação se estabelece como categoria analítica totalizante, de ordem tanto ontológica, por embasar a conceituação dos seres, quanto epistemológica, por fornecer a via para compreensão das relações e determinações do mundo natural e social. A unidade central estabelecida entre natureza e ser e ser a ação permite-nos considerar a teoria bakuninista como uma Filosofia da ação.

Está claro que a solidariedade universal, explicada deste modo, não pode ter o caráter de uma causa absoluta e primeira; não é, ao contrário, mais que uma resultante, produzida e reproduzida sempre pela ação simultânea de uma infinidade de causas particulares, cujo conjunto constitui precisamente a causalidade universal, a unidade composta, sempre reproduzida pelo conjunto indefinido das transformações incessantes de todas as coisas que existem e, ao mesmo tempo, criadora de todas as coisas; cada ponto operando sobre o todo (o universo produzido), e o todo operando sobre cada parte (o universo produtor ou criador) (BAKUNIN, 1870, p. 2, tradução nossa).

A multiplicidade de determinações exclui a possibilidade de existência de uma causa ou consciência exterior ao mundo material - como defendem as teses inatistas da teologia - e estabelece que as relações concretas entre a natureza e os indivíduos são o motor das transformações e criações. A própria humanidade é uma resultante dessas múltiplas combinações e determinações, ou ainda, é produto da dialética entre o mundo natural e social o que conduz ao entendimento de que o mundo social é uma continuidade do mundo natural – distintamente do que se expressa nas teses contratualistas que estabelecem uma ruptura entre a natureza e a sociedade selada pela fundação do Estado.

Eis outra característica central do materialismo de Bakunin: a centralidade da sociedade e de suas relações concretas na criação dos sistemas e instituições. De acordo com Andrey Cordeiro Ferreira, na obra de Bakunin a ação humana, distinta da ação dos demais seres vivos pela obra da vontade e do pensamento, é a responsável pela instauração da materialidade histórica da vida social.²

[...] sendo a sociedade parte do mundo material e criadora das formas de pensamento e instituições, ela deve ser a protagonista dos processos revolucionários. [...] A centralidade da ideia de sociedade e de coletividade no plano ontológico e teórico, vai se expressar no plano político na ideia de revolução social. É por isso que chamamos a concepção materialista de Bakunin de materialismo sociológico. (FERREIRA, 2013, p. 7-8)

A revolução social, a AIT e a Instrução Integral

² O “termo materialismo sociológico” não foi cunhado pelo próprio Bakunin, aparecendo pela primeira vez em: FERREIRA, Andrey Cordeiro. Tutela e resistência indígena: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ/MN-PPGAS, 2007 (Tese de Doutorado).

Com o amadurecimento de seu método e sua opção teórica e política cada vez mais bem definida pela via revolucionária, o entendimento sobre o lugar das questões educacionais no sistema de Bakunin se modifica profundamente.

O desenvolvimento do materialismo sociológico estabelece a centralidade analítica no conceito de sociedade – entendida como criadora das ideias e instituições sociais –, o que, na dimensão prática, significa o estabelecimento do protagonismo social nos processos de transformação da realidade. Aprofundando as concepções apropriadas do socialismo francês de Proudhon, Bakunin compreende que no contexto de desigualdade entre classes sociais o sujeito social capaz de empreender a revolução social é o setor mais explorado e oprimido, a classe trabalhadora. Essa orientação será a base do sindicalismo revolucionário levado a cabo por Bakunin e seus companheiros no interior da Associação Internacional de Trabalhadores, fundada em 1864.

O período compreendido entre o final da década de 1840 e os anos 60 foi de intensa agitação da vida de Bakunin, marcado por sua participação ativa em greves, rebeliões e insurreições populares, tornando-o grande antagonista dos regimes autoritários em toda a Europa, o que resulta em perseguição por diversos governos até sua prisão e condenação à morte, convertida inicialmente à prisão perpétua e, posteriormente, a deportação para a Sibéria, no ano de 1857. Os quatro anos de exílio e trabalhos forçados, até sua fuga em 1861, arruinaram a saúde de Bakunin, mas não puderam minar sua paixão incendiária pela causa da libertação humana. Entre 1864 e 1865, residindo na Itália, Bakunin reúne em torno de si destacados revolucionários para a fundação da Fraternidade Internacional Revolucionária.

Em 1867, escreve *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*, obra fundamental que sintetiza os elementos centrais do pensamento de Bakunin, aprofundando a perspectiva de articulação entre as dimensões teórico-filosófica e político-prática. O princípio federalista encarna a oposição à centralização do poder e aparece como proposta de organização social cuja base seja a igualdade política; o socialismo estabelece o protagonismo das massas como sujeito histórico no processo de abolição da propriedade privada, fundadora da desigualdade econômica e da exploração do trabalho; o antiteologismo compreende a crítica à alienação religiosa e às teses contratualistas que estabelecem a dominação intelectual das massas com vistas à manutenção do servilismo a autoridades e ao Estado.

Um dos temas centrais da obra é a questão da emancipação humana que, sob a ótica materialista, não se efetiva apenas no campo da subjetividade, mas requer também a realização de condições materiais que proporcionem a humanização dos indivíduos.

[...] a realização séria da liberdade, da justiça e da paz no mundo será impossível enquanto a imensa maioria das populações permanecer destituída de qualquer bem, privada de instrução e condenada à nulidade política e social e a uma escravidão de fato, senão de direito, pela miséria, tanto quanto pela necessidade na qual se encontra de trabalhar sem descanso nem lazer, produzindo todas as riquezas das quais o mundo se glorifica hoje, e retirando delas apenas uma tão pequena parte que mal basta para assegurar o pão do dia seguinte; Convencida de que por todas estas populações, até aqui tão horivelmente maltratadas durante séculos, a questão do pão é aquela da emancipação intelectual, da liberdade e da humanidade (p. 29).

Essa discussão recoloca a relação entre educação e liberdade, não mais de maneira isolada, conferindo à educação toda a responsabilidade pela humanização e emancipação dos indivíduos, mas sim articulada à dimensão social e política.

Para ser perfeita, a educação deveria ser muito mais individualizada do que o é hoje, individualizada no sentido da liberdade e unicamente pelo respeito à liberdade, mesmo nas crianças. Ela deveria ter por objeto não o adestramento do caráter, do espírito e do coração, mas seu despertar para uma atividade independente e livre, e não perseguir outro objetivo senão a criação da liberdade, nem de outro culto, ou melhor, de outra moral, de outro objeto de respeito que não seja a liberdade de cada um e de todos, que a simples justiça, não jurídica mas humana, a simples razão, não teológica nem metafísica, mas científica, e o trabalho, tanto muscular quanto nervoso, como base primeira e obrigatória para todos, de toda dignidade, de toda liberdade e do direito. (p. 88)

Nos anos que se seguem, as questões pedagógicas ganham cada vez mais espaço nas discussões da AIT, conforme avançam as preocupações não somente com a emancipação econômica, mas também com a emancipação política e intelectual/moral dos trabalhadores. Nesse contexto, Bakunin produz quatro textos publicados de julho a agosto de 1869 no periódico *L'Egalité*, reunidos posteriormente em uma única obra: *A Instrução Integral*.

Os primeiros textos versam sobre o papel da ciência na sociedade de classes, contexto no qual o desenvolvimento científico se coloca a serviço da dominação e da exploração do trabalho.

Todas as invenções da inteligência, todas as grandes aplicações da ciência à indústria, ao comércio e à vida social em geral, só têm sido aproveitadas até agora pelas classes privilegiadas e pela soberania dos Estados, protetores eternos de todas as iniquidades políticas e sociais, mas jamais pelas massas populares. (p. 34, tradução nossa)

A organização econômica e política da sociedade tem sido tal até agora, que unicamente os burgueses têm podido instruir-se; que a ciência não tem existido mais que para eles, e que o proletariado se tem visto condenado a uma ignorância forçosa (p. 36, tradução nossa).

A organização social desigual reserva a instrução e o acesso aos conhecimentos apenas às minorias, dessa forma os progressos da ciência são a causa da *ignorância relativa* do proletariado e o desenvolvimento da indústria e do comércio são a causa de sua *miséria relativa*. Desse modo, Bakunin conclui que enquanto houver diferentes graus de instrução para os diferentes estratos sociais, haverá privilégios econômicos e políticos para uns e miséria e escravidão para a maioria.

Quem sabe mais dominará naturalmente a quem menos sabe e não existindo em princípio entre duas classes sociais mais que somente esta diferença de instrução e de educação, essa diferença produzirá em pouco tempo todas as demais e o mundo voltará a encontrar-se em sua situação atual, quer dizer, dividido em uma massa de escravos e um pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje em dia, para os segundos (p.29, tradução nossa).

Essa desigualdade se materializa na divisão social do trabalho, estabelecendo os distintos papéis das classes sociais no modo de produção capitalista, em que os instruídos detêm os meios de produção e ocupam postos de gestão e os desprovidos de instrução são forçados a vender sua força de trabalho aos primeiros. A separação entre o trabalho manual e intelectual e o desprestígio do primeiro em função do segundo está na razão direta das desigualdades sociais e da miséria crescente do proletariado.

A superação desse quadro é a razão de ser do modelo educacional proposto por Bakunin, cuja função é findar com a deformação do labor e da ciência causada por sua separação artificial na divisão social do trabalho, de modo a reconciliar ambos com a vida e humanizar os indivíduos através de seus benefícios.

Sim, na sociedade atual estão igualmente falseados o trabalho manual e intelectual, por causa do isolamento artificial a que se lhes tem condenado. [...] a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o intelectual não ignorar o trabalho manual; e o trabalho do operário instruído será mais inteligente, e por

consequência mais produtivo que o do operário ignorante. [...] Do que se deduz que, no interesse do trabalho e da ciência, não deverão existir nem operários nem intelectuais, senão somente homens (p. 40, tradução nossa).

Para o completo desenvolvimento das potencialidades individuais é preciso um conhecimento, não profundo, mas geral de todas as áreas do conhecimento, assim como a experimentação prática geral das várias funções que constituem a totalidade do trabalho humano, garantindo a preparação de todos tanto para a vida intelectual quanto para a vida do trabalho.

Na instrução integral, ao lado do ensino científico ou teórico, deve haver necessariamente o ensino industrial ou prático. Somente assim se forma o homem completo: o trabalhador que compreende e sabe (p. 49, tradução nossa).

Ao proporcionar igualdade de condições de instrução e trabalho, o objetivo desse modelo educacional é moralizar e conduzir os sujeitos sucessivamente à liberdade, porém a educação, por si só, não é capaz desse feito heroico. Uma educação libertadora não teria condições de se sobrepor às influências de uma sociedade dirigida por princípios contrários, um meio social embrutecedor e desmoralizador, visto que as capacidades intelectuais são determinadas pelas condições materiais de existência. Nesse sentido, a emancipação política e econômica das massas é condição prévia para sua emancipação intelectual e moral.

Para moralizar os homens, ou seja, torna-los completos, é preciso moralizar seu meio social e isso só pode se dar com o triunfo da justiça e o fim das desigualdades de condições e de direitos, que só podem se efetuar por meio da revolução social.

Considerações Finais

A historiografia hegemônica nos apresenta Bakunin como um agitador, rebelde e sem perspectivas, um homem de ação carente de princípios ou teoria. Nossa investigação lança luz sobre uma questão tida como periférica no conjunto de sua obra, de modo a demonstrar que os debates educacionais suscitados por Bakunin são de importância singular no que concerne ao entendimento do caráter totalizante, coerente e contínuo presente em seu desenvolvimento intelectual. Seus escritos sobre educação nos

revelam o aspecto sociopolítico de sua filosofia, além de subsidiar a compreensão da articulação entre teoria e prática, elemento fundamental que garante que sua obra não se reduza à mera especulação teórica, mas que possa ser convertida em ferramenta útil para pensar e intervir sobre a realidade.

Bakunin não fora precisamente um pedagogo, mas certamente foi um grande educador, contribuindo através de seu exemplo, seus escritos, falas e ações para organizar e armar os trabalhadores para a luta contra as iniquidades sociais.

Referências

- BAKUNIN, M. *Consideraciones filosóficas sobre el fantasma divino, sobre el mundo real y sobre el hombre*. Disponível em: <<http://miguelbakunin.files.wordpress.com/2008/09/consideracionesfilo.pdf>>. Acesso: 15. jul.2014.
- _____. *Translator's Preface*. In: GIUDICE, Martine Del. *The Young Bakunin and Left Hegelianism: Origins Of Russian. Radicalism And Theory Of Praxis, 1814-1842*. A thesis submitted to the Faculty of Graduate Studies and Research in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Department of History McGill University. Montréal, Canada. 1981. p. 424-440.
- _____. *A Reação na Alemanha*. In: Cadernos Peninsulares, Nova Série, Ensaio 17. Tradução: José Gabriel. Portugal: Editora Assírio & Alvin, 1976. p. 105-127. Disponível em: <<http://arquivobakunin.blogspot.com.br/2010/10/reacao-na-alemanha-1842.html>>. Acesso em: 11.jul.2014.
- _____. *La Instrucción Integral*. Introducción y traducción de Claudio Lozano. Barcelona: E. J. J. de Olañeta, 1979. 60 p.
- _____. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Disponível em: <http://uniaoanarquista.files.wordpress.com/2012/09/sc3a9rie_ba-fsat.pdf>. Acesso em: 13.jul.2014.
- ABRUNHOSA, R. D. *Da vontade à liberdade: trabalho, ciência e educação em Mikhail Bakunin*. Monografia apresentada para obtenção do título de licenciado em Pedagogia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.
- FERREIRA, A. C. *Materialismo, anarquismo e revolução social: o bakuninismo como filosofia e como política do movimento operário e socialista*. In XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH, Natal, 2013.
- GIUDICE, M. del. *The Young Bakunin and Left Hegelianism: Origins Of Russian. Radicalism And Theory Of Praxis, 1814-1842*. A thesis submitted to the Faculty of Graduate Studies and Research in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Department of History McGill University. Canada, 1981.
- SILVA, P. A. *La juventud hegeliana de Mijail Bakunin*. Revista de la Asociación de Alumnos de Postgrado de Filosofía TALEs. Actas II Congreso de Jóvenes Investigadores en Filosofía. Madrid. 2009
- _____. *Reconciliación y revolución. La juventud hegeliana de Mijaíl Bakunin*. Tesis para optar al grado de Licenciado en Filosofía. Universidad ARCIS. Santiago, 2010.
- SILVA, S. N. *O bakuninismo: ideologia, teoria, estratégia e programa revolucionário anarquista*. In: Curso de extensão Teoria política anarquista e libertária. 2014. IFCS-UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.